



## O fazer musical das crianças a partir dos estudos da infância

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SIMPÓSIO: ST-9. Música, infância(s) e pesquisa

*Edson Ponick*

*Universidade Federal de Pelotas – edsonponick@gmail.com*

**Resumo.** Este trabalho reflete sobre um projeto que pretende investigar o fazer musical de crianças no contexto da Educação Infantil (EI) em diferentes escolas da cidade de Pelotas/RS. O projeto está amparado nos estudos da infância e de musicalização na primeira infância. Apresenta, inicialmente, a música como conhecimento essencial para o ser humano e discute sobre a necessidade de uma escuta aberta ao fazer musical das crianças. Aborda aspectos sobre a forma como se pode observar e participar do fazer musical infantil. E discorre sobre o próprio musicar das crianças. Trata-se de uma reflexão teórico-metodológica que busca contribuir para uma maior valorização do fazer musical das crianças no contexto da EI.

**Palavras-chave.** Fazer musical. Crianças. Educação infantil. Estudos da infância.

### **The Music Making of Children Based on Childhood Studies**

**Abstract.** This work reflects on a Project that intends to investigate the “musical making” of children in a context of Preschool Education (PE) in different kindergartens in the city of Pelotas/RS. The project is backed childhood studies and musicalization in early infancy. It presents, initially, music as essential knowledge for the human being and it discusses about the need of open listening for the “musical making” of children. It approaches aspects on the way the “musical making” of children can be observed and joined in. It also speaks about the children’s own “musical making”. It is a theoretical-methodological reflection that intends to contribute for a greater appreciation of children’s “music making” in the Preschool Education context.

**Keywords.** Musical Making. Children. Preschool Education. Childhood Studies.

### **1. Introdução**

O presente trabalho traz como primeiros resultados algumas reflexões teóricas em torno da pesquisa sobre o fazer musical com crianças, suas implicações e suas possibilidades. Faço esta constatação para justificar a inclusão do mesmo num simpósio que objetiva analisar resultados concretos já consolidados com pesquisas no campo da música e, mais especificamente, da educação musical na primeira infância. Os resultados têm origem em encontros regulares que aconteceram durante o primeiro semestre de 2021, contando com a participação de estudantes de Pedagogia e de Especialização em Educação da Universidade Federal de Pelotas e de professoras de Educação Infantil, não licenciadas em música, mas que inserem a música enquanto campo de conhecimento nas atividades que realizam com crianças de 4 a 5 anos, faixa etária definida como público da pesquisa.

A música é parte constitutiva da formação humana ao lado das outras linguagens que compõem nossas formas de comunicação e expressão. Essa essencialidade da música

como expressão humana necessita ser valorizada também no contexto da Educação Infantil. Mais do que acessória, a linguagem musical é essencial na formação de cada pessoa desde o seu nascimento.

Para além de analisar o desenvolvimento musical das crianças, a proposta da pesquisa ora apresentada é a de fazer música com as crianças e, assim, compreender, a partir de suas reações e expressões, o que esse fazer musical elucida sobre ela em seu contexto escolar, familiar e comunitário. Desse modo, a musicalização das crianças quer ser um musical presente, para o agora, não para o futuro.

A educadora e pesquisadora da infância Adriana Friedmann (2020, p. 19) aposta que “escutas e pesquisas com crianças constituem uma pauta urgente para adentrar e compreender seus universos e poder (re)conhecê-las em suas diversidades e singularidades”. Friedmann, na citação, usa o substantivo *escutas*, do verbo *escutar*. Esse aspecto pode gerar uma reflexão importante no sentido de (re)conhecer a qualidade e a profundidade do fazer musical das crianças.

Teca Alencar de Brito destaca a diferença entre ouvir e escutar, fundamental para o processo de fazer música com as crianças. Ela lembra que é preciso conscientizar(-se) da “diferença entre ouvir (processo fisiológico) e escutar (processo psicológico, que, de certa forma, define aquilo que ouvimos) é importante aspecto a ser trabalhado [...]” (BRITO, 2019, p. 85). Embora o contexto da citação seja um jogo de descoberta da paisagem sonora, parece ser interessante manter uma vigilância constante sobre nossa percepção em relação ao musicar das crianças. Ouvimos, simplesmente, ou de fato *escutamos* as manifestações musicais das crianças? Entendo que é desse escutar aberto, atento e sensível que Adriana Friedmann fala quando sugere uma imersão no universo infantil.

## **2. Observando e participando**

Nesse sentido, a pesquisa em pauta objetiva escutar as crianças manifestando-se em experiências musicais. Não se trata aqui, portanto, de uma pesquisa *sobre* as crianças e seu desenvolvimento musical; o que se propõe é pensar o fazer musical *com* as crianças, procurando entender qual o sentido do fazer musical para elas. Segundo Scramingnon (2019, p. 64), “[o] com é o reconhecimento de que as crianças são pessoas como os adultos, que merecem respeito e ética no trato com elas”. A ética na pesquisa com crianças, aliás, é um tema emergente nos estudos da infância. Entre outros aspectos, destaca-se a preocupação em diminuir a distância entre o que as crianças expressam e o que a nossa forma adultocêntrica de

olhar (e de ouvir) suas expressões consegue reconhecer. “A recomendação geral é que o pesquisador lembre-se de que a sociedade ocidental moderna é adultocêntrica e que as relações entre adultos e crianças, bem como o conhecimento acadêmico, carregam esta marca” (PRADO; et al, 2018, p. 12).

A valorização da música na Educação Infantil tem como pressuposto a valorização da criança enquanto ator social, sujeito e produtor de culturas. Nas últimas décadas, a sociologia e a antropologia vêm desenvolvendo estudos sobre a participação efetiva das crianças em pesquisas onde elas se constituem como agentes sociais. Nasce o que hoje denominamos estudos da infância. “O reposicionamento das crianças nos últimos vinte anos tem contribuído para consolidar um movimento investigativo com e não para ou sobre as crianças” (ROCHA; NORNBORG, 2021, p. 906). O desafio da pesquisa em questão aqui é inserir a expressão musical infantil nesta perspectiva, não subestimando os estudos sobre o desenvolvimento musical infantil, mas apropriando-se também destes estudos para compreender a música das crianças.

Nesse sentido, enquanto pesquisadores e pesquisadoras do musicar das crianças na Educação Infantil, cabe perguntar: Para que ensinamos música para as crianças? O objetivo da musicalização é projeto para o futuro ou proposta de expressão do hoje, do aqui e do agora? O que o som da cidade, da escola, da casa, do bairro diz para as crianças? O que elas gostariam de expressar musicalmente em resposta a essas sonoridades? O que o corpo sente quando ouve os sons musicais ou não musicais? De que forma o som de diferentes obras instrumentais afeta as crianças? O que elas expressam com os sons que produzem? O que as colegas e os colegas ouvem nos sons que as colegas e os colegas produzem?

Procurar respostas a estas perguntas exige uma postura de total abertura para um outro muitas vezes desconsiderado em nossa sociedade ou, pelo menos, pouco valorizado como ator social integral. Natália Fernandes (2016, p. 762) chama a atenção para o perigo de ignorarmos as perspectivas e a “autoria e atoria social” das crianças quando nos propomos a realizar pesquisas com elas. Entende-se “autoria” na perspectiva de que as crianças são produtoras de cultura; são “agentes sociais, ativos e criativos, que produzem suas próprias e exclusivas culturas infantis, enquanto, simultaneamente, contribuem para a produção das sociedades adultas” (CORSARO, 2011, p. 15). Já a “atoria” está relacionada ao fato de que, segundo a sociologia da infância, “as crianças são atores sociais porque interagem com as pessoas, com as instituições, reagem aos adultos e desenvolvem estratégias de luta para participar no mundo social” (DELGADO; MÜLLER, 2005, p. 176).

A pesquisa em questão opta por seguir este caminho, o de (re)conhecer a autoria e a atoria das crianças em seu musicar compreendendo o que crianças da Educação Infantil de quatro e cinco anos expressam quando reconhecem uma paisagem sonora, quando se envolvem em jogos musicais, quando cantam e brincam canções infantis, quando apreciam obras de diversos gêneros. E essa compreensão terá como campo de pesquisa o contexto de práticas educativas conduzidas pelas professoras da Educação Infantil, acompanhadas, sempre que possível, de estudantes de licenciatura e/ou licenciados em música.

Com base nesses pressupostos, a investigação desenha-se como uma pesquisa etnográfica e de observação participante. Conforme Angrosino (2009, p. 20), esta metodologia de pesquisa, “na tradição interacionista, busca desvelar os significados que os atores sociais atribuem às suas ações”. Nesta perspectiva, serão propostas atividades que promovam o fazer musical para, junto com as crianças, identificar os sentidos e as intencionalidades de seus sons e silêncios brincantes.

A pesquisa etnográfica também é indicada pela pesquisadora das infâncias Sonia Kramer para orientar, estratégica e metodologicamente, a relação entre crianças e pessoas adultas. Segundo ela, “a pesquisa etnográfica fornece estratégias e procedimentos metodológicos, influenciando estudos do cotidiano escolar, da prática pedagógica e das interações entre as crianças e os adultos” (KRAMER, 2002, pp. 44-45). E a interação é um aspecto essencial no processo do fazer musical, tema que será desenvolvido mais adiante.

Também baseado nos estudos sobre metodologia da pesquisa com crianças, inserido nos estudos etnográficos, as ações do projeto serão desenvolvidas no sentido de interagir com as crianças numa perspectiva de observação participante, que “não é propriamente uma técnica de coletar dados, mas sim o papel adotado pelo etnógrafo para facilitar sua coleta de dados” (ANGROSINO, 2009, p. 53). Estar com as crianças e participar desse “jogo chamado música” (BRITO, 2019), numa postura brincante, é a forma pela qual se buscará compreender o musicar infantil.

As atividades a serem realizadas com as crianças serão jogos musicais, atividades de percepção da paisagem sonora, improvisação e composição musical, apreciação ativa, execução de canções de roda, exploração e uso de instrumentos musicais, participação em recitais ao vivo, entre outras. O registro de dados durante as atividades será feito em diários de bordo, a serem elaborados pelas professoras envolvidas com a pesquisa, e por meio de registros audiovisuais. Em relação à gravação audiovisual, Corsaro (2011, p. 67) defende que ela “é útil para documentar as culturas infantis porque muitas de suas brincadeiras são não

verbais, mas rápidas e altamente complexas”. No contexto do fazer musical ou do musicar, essas nuances multimodais presentes na comunicação infantil são ainda mais sensíveis e importantes.

Antes de seguir adiante, cabe destacar que pesquisas com temática semelhante à apresentada aqui já foram realizadas no Brasil. Cito como exemplo LINO (2008, 2010) e OLIVEIRA, SOMMERHALDER, JOLY (2019). Estas e outras pesquisas também constituirão o quadro teórico das reflexões e das análises da pesquisa aqui apresentada.

### **3. O fazer musical das crianças**

Adjetivar essa forma básica de linguagem humana, que é a música, tem como objetivo incluir diferentes aspectos que a compõem. François Delalande, por exemplo, explica o fazer musical como constituinte de três aspectos presentes na execução e na fruição musical: o “gosto pelo som”; o “valor simbólico” ou “uma dimensão imaginária da música”; e a “organização” de sons e silêncios. “Parece-me que os músicos, seja fazendo ou ouvindo, possuem, em comum, essas três grandes capacidades de serem sensíveis ao som, de dar-lhes uma significação e de desfrutar da sua organização” (DELALANDE, 2019, pp. 23-24). Destaca-se que este fazer musical acontece de forma inter-relacionada entre a execução e a apreciação, ambas entendidas como ações. Nesta direção, pode-se também pensar o fazer musical como um único verbo: *musicar*. De acordo com Ibáñez (2019, p. 24), “para enfatizar la idea de música como acción, sería mejor utilizar o incorporar el verbo *musicar*”. É este fazer musical ou musicar que será observado na convivência brincante e sonoro-musical com crianças da Educação Infantil.

Como já destacado anteriormente, a criança explora a musicalidade desde os primeiros meses de vida. Diferenciando a musicalidade, enquanto potencial humano de comunicação desde os primeiros meses de vida, da música enquanto fenômeno cultural, Pèrez-Moreno, com base em diferentes estudos sobre a primeira infância, constata: La musicalidade es por tanto una habilidad humana innata que posibilita tanto la apreciación como la producción de la música (2017, p. 33). A musicalidade, por sua vez, vai se configurando a uma linguagem musical influenciada por diferentes contextos: social, econômico, geográfico, étnico e gênero.

A habilidade de se comunicar por meio de sons está inserida numa perspectiva multimodal de interagir com as pessoas a sua volta (PEREZ-MORENO, 2017, p. 39) e vai se desenvolvendo na convivência da criança com seu ambiente sociocultural. Nesse sentido, a

criança é autora do seu fazer musical, expressando-se e interagindo através dos sons de forma intencional. Tendo a brincadeira como uma de suas atividades principais, o musicar também acontece nos momentos de interação lúdica com seus pares e com as pessoas adultas com as quais convive diariamente. Daí a necessidade de compreender o musicar infantil através de sons e silêncios que brincam no próprio brincar das crianças.

Jogos musicais, atividades interativas com sons e silêncios que se tornam música constituem a base teórico-metodológica dos encontros interativos com as crianças na pesquisa. É com eles e através deles que se pretende compreender o fazer musical das crianças envolvidas na pesquisa. “É muito importante e também surpreendente escutar as *ideias de música* das crianças: suas percepções acerca do fazer, seus modos de entender, de conscientizar os conceitos e as práticas com as quais trabalhamos” (BRITO, 2019, p. 73). Pode-se pensar então em duas dimensões fundamentais quando se quer compreender o fazer musical das crianças: uma postura brincante, capaz de acompanhar as crianças no seu musicar; uma postura aberta e livre para escutar e procurar compreender o que as crianças expressam quando organizam sons e silêncios em seu brincar. Esta pode ser a conclusão de Delalande (2019, p. 27) quando afirma que “é possível deixar as crianças criarem a própria música se não nos importarmos em julgar se elas estão certas ou erradas”. O mesmo autor responde com um simples “sem dúvida” a proposição de seu interlocutor, que sugeriu a seguinte situação: “Perante educadores que podem pensar que essas crianças não fazem mais do que ruídos, e assim pedem silêncio, sua atitude é a de dizer: ‘não, escutem, elas estão fazendo música! porque a música não é somente um jogo de alturas e durações” (DELALANDE, 2019, p. 28).

#### **4. Algumas considerações**

A proposta apresentada até aqui depende ainda de uma consistente fundamentação para interpretar as informações colhidas nos encontros com as crianças. A subjetividade é aqui uma característica presente com, no mínimo, três facetas. Há a subjetividade do próprio fazer musical, constituído de elementos que, embora possam ser identificados concreta e fisicamente (ondas sonoras que movimentam o ar), apresentam-se de forma absolutamente abstrata e subjetiva quando organizados por um sujeito ao mesmo tempo sensível e racional. Há também a subjetividade humana, constituída por experiências influenciadas pelo contexto social, econômico, geográfico, étnico e cultural e, ainda, por habilidades motoras, sempre em desenvolvimento. Tão importante quanto estas, acrescente-se a subjetividade da relação

desigual entre pessoas adultas e crianças, já mencionada acima, que parte de visões de mundo completamente distintas e que se propõem a dialogar através do fazer musical.

Diante destes aspectos, os estudos realizados no primeiro semestre deste ano permitiram o estabelecimento de algumas orientações éticas e metodológicas para a pesquisa com crianças. Algumas delas merecem destaque como resultados parciais do trabalho de pesquisa realizado até aqui.

A sensibilidade e a imaginação devem ser consideradas no desenvolvimento da pesquisa. Sensibilidade por todos os aspectos subjetivos mencionados acima; e imaginação pelo conteúdo simbólico inerente a qualquer fazer musical, como também foi apontado anteriormente.

Há uma dimensão política da ética (PRADO, et al, 2018), e ela está relacionada à compreensão da criança como sujeito social pleno, com todas as implicações que isto pode acarretar. Isso significa exercitar constantemente uma escuta atenta de valorização da “atoria” e da “autoria” da criança em seu musicar. Nesse sentido, e com base nos direitos das crianças, elas devem ser informadas, ouvidas e participar ativamente da pesquisa, podendo abandoná-la sempre que assim o quiserem.

Do ponto de vista metodológico abordado até aqui, vale também convidar as crianças a realizarem registros audiovisuais durante o andamento da pesquisa. Comparar depois esses registros com as anotações e com as filmagens das pesquisadoras é um passo posterior e importante. Como as crianças registram o seu fazer musical? O que elas enxergam durante a experiência sonora da qual estão participando? Parte-se do princípio de que as crianças são capazes de também conduzir suas experiências na pesquisa, assumindo o papel de protagonistas.

Pesquisadores e pesquisadoras das infâncias necessitam de uma base teórica muito sólida para realizar pesquisas com crianças. Em se tratando de (re)conhecer o musicar infantil, a base teórico-musical é de suma importância; nesse sentido, os estudos devem estar voltados à infância, à música, à pedagogia musical e às relações que podem ser estabelecidas entre esses diferentes saberes.

Outro aspecto importante refere-se ao tempo de duração da pesquisa. Com base na observação participante, a pesquisa deve ser feita sem pressa, pois deve-se considerar o tempo da criança, o seu desenvolvimento; não se trata de uma busca incessante pelo resultado final. As respostas certas não podem constituir os objetivos do pesquisador. A atenção constante do

pesquisador está na escuta sensível do fazer musical que emerge dos sons e silêncios brincantes das crianças.

### Referências

ANGROSINO, Michael. *Etnografia e observação participante*. Trad. José Fonseca. Porto Alegre: Artmed. 2009. (Coleção Pesquisa Qualitativa coordenada por Uwe Flick).

BRITO, Teca Alencar de. *Um jogo chamado música: escuta, experiência, criação, educação*. São Paulo: Peirópolis, 2019.

CORSARO, William A. *Sociologia da infância*. 2. Ed. Trad. Lia Gabriele Regius Reis. Porto Alegre: Artmed, 2011.

DELALANDE, François. *A música é um jogo de criança*. Trad. Alessandra Cintra. São Paulo: Peirópolis, 2019.

DELGADO, A.C.C.; MÜLLER, F. Em busca de metodologias investigativas com as crianças e suas culturas. *Cadernos de pesquisa*, v. 35, n. 125, maio/ago. 2005.

FERNANDES, N. Ética na pesquisa com crianças: ausências e desafios. *Revista Brasileira de Educação*, v. 21 n. 66 jul.-set. 2016. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/jqNWVT4RX8dLfNjKbPgNVfj/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 04 jul. 2021.

FRIEDMAN, Adriana. *A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias*. São Paulo: Panda Books, 2020.

IBÁÑES, A. C. La música como práctica social y vivencia cultural. In: GLUSCHANKOF, Claudia; PÉREZ-MORENO (Editoras). *La música en Educación Infantil: Investigación y práctica*. Espanha: Dairea Ediciones, 2017. p. 17 - 29.

LINO, Dulcimarta Lemos. *Barulhar: A escuta sensível da música nas culturas da infância*. Porto Alegre. 395 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Faculdade de Educação, 2008. Disponível em <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/15658>. Acesso em: 20 set. 2021.

LINO, Dulcimarta Lemos. Barulhar: a música das culturas infantis. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, v. 24, 81-88, set. 2010.

MARTINEZ, Andréia Pereira de Araújo; PEDERIVA, Patrícia Lima Martins. *A musicalidade dos bebês: educação e desenvolvimento*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020.

OLIVEIRA, Mariane Cristina Souza de; SOMMERHALDER, Aline; JOLY, Ilza Leme Zenker. O fazer musical de crianças em experiências de musicalização infantil. *Horizontes*, 37, 2019. Disponível em <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/695>. Último acesso em: 20 set. 2021.

PÉREZ-MORENO, J. La musicalidade comunicativa, fuente de las relaciones humanas. In: GLUSCHANKOF, Claudia; PÉREZ-MORENO, Jèssica (Editoras). *La música en Educación Infantil: Investigación y práctica*. Espanha: Dairea Ediciones, 2017. p. 31-44.

PRADO, R. L. C. et al. Ética na pesquisa com crianças: uma revisão da literatura brasileira das ciências humanas e sociais. *Childhood & philosophy*, 2018, 14(29).



ROCHA, J. R. da; NORMBERG, M. “Tem gente caminhando pra lá e para cá”: caminhar com as crianças – a pesquisa em contexto campestre. *Espaço Pedagógico*, v. 27, n. 3, Passo Fundo, p. 901-917, set./dez. 2020 | Disponível em <http://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/12390>. Último acesso em: 20 set. 2021.

SARMENTO, Manuel; GOUVEA, Maria Cristina Soares de. (Org.). *Estudos da infância: educação e práticas sociais*. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

SCRAMINGNON, G. A pesquisa também é das crianças: o retorno ao campo como resposta responsável. In: KRMAER, Sônia; [et al.] *Ética: Pesquisa e práticas com crianças na educação infantil*. Campinas, SP: Papyrus, 2019. p. 61 – 82.